

FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina (org.). **Desleitura: o autor e o leitor no jogo do texto**. Curitiba: Appris, 2020. 173 p.

Antonio Cláudio da Silva Neto*

Em *Desleitura: o autor e o leitor no jogo do texto*, os organizadores José Carlos Félix e Juliana Cristina Salvadori convidam os leitores a adentrarem em um espaço de partilhas, composto por textos e ensaios que entrecortam as imbricações de língua, literatura, leitura, tradução e crítica, com vistas a repensar os papéis do escritor, do leitor, do tradutor e do editor arrolados no campo epistemológico da teoria e da crítica literária. O ponto de interseção desse espaço fronteiriço se alicerça no conceito de “desleitura”, tomado em um gesto criativo e, por vezes, subversivo na criação de um jogo instalado entre práticas contemporâneas de escrita e leitura.

A coletânea, que reúne textos apresentados no II Colóquio Desleitura: Desescritas e Desleitura Contemporâneas, ocorrido entre os dias 17 e 19 de maio de 2017, no Departamento de Ciências Humanas do campus IV da Universidade do Estado da Bahia, resulta do engajamento dos seus organizadores em mobilizar o conceito de “desleitura”, a partir da criação do Grupo de Pesquisa Desleitura. Portanto, o livro representa um momento desse projeto científico, que, por sua vez, está em constante movimento.

A concepção de “desleitura”, norteadora das pesquisas do grupo, do evento e que intitula a própria coletânea, explanada no capítulo introdutório pelos organizadores, retoma o conceito “desenhado por Bloom em sua obra **Angústia da influência** (1991) e posteriormente expandido em **Um mapa da desleitura** (1995)” (FELIX & SALVADORI, 2020, p. 15, grifo no original). Nesse sentido, compreende-se, logo nas primeiras páginas do livro, tanto o teor metodológico quanto a sua utilização aplicada à multiplicidade de objetos analisados no decorrer dos capítulos.

Com efeito, os organizadores inscrevem nesse conceito uma potência estratégica de resistência, “um antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial: a desleitura põe em xeque a questão de uma estética do novo, do original, e nos permite repensar nossas experiências coloniais compartilhadas” (FELIX & SALVADORI, 2020, p. 15). Se por um lado o projeto principia com a desleitura do próprio conceito proposto por Bloom, com análises que questionam a literatura a partir de leituras desviantes e criativas da tradição entre obra, autor e leitor, por outro lado, nas muitas mãos que compõem as ações do grupo, o deslocamento para o ato de leitura, na relação leitor, autor e texto, visa à ampliação das noções de literário e da literatura, particularmente na noção de cultura e seus imbricamentos nos novos produtos multi e trans (modais, midiáticos, textuais).

Dessa forma, as discussões apresentadas nos capítulos do livro funcionam como palimpsesto do conceito de “desleitura”, pois abordam as experiências dos seus autores acerca da obra literária na contemporaneidade a partir de múltiplas perspectivas de retomada, nas quais o jogo de escrita e leitura é executado em um cenário de distintas performances, estéticas e materialidades.

Dividido em três seções: “Tradutor e editor nas práticas de escrita e leitura contemporâneas”, “Tradução e tradutor nas práticas de escrita e leitura contemporâneas: língua, identidade e cultura no jogo do texto” e “Materialidades do texto na contemporaneidade: autores, leitores e textos”, a

* Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural..

coletânea traça um itinerário que conduz ao espaço fronteiro em que são tensionadas as dualidades entre autor e leitor, original e cópia, literatura e não literatura (crítica, teoria, tradução), bem como contempla os suportes materiais do texto como parte de uma cadeia de produção literária, com impacto técnico sobre as construções poéticas em seus formatos de consumo.

Na primeira seção, “Tradutor e editor nas práticas de escrita e leitura contemporâneas”, a partir das experiências do professor e tradutor Caetano Waldrigues Galindo, autor do capítulo “Um gigante em nossos ombros”, e de Abílio Pacheco de Souza, professor e editor, que assina o capítulo “A aventura errática de um editor”, a desleitura consiste na retomada da atuação de tradutores e editores como atores invisíveis da cadeia literária, atestando a responsabilidade técnica dos processos de construção e consumo de literatura e os efeitos destes no âmbito da poética.

No ensaio “Um gigante em nossos ombros”, primeiro capítulo do livro, Caetano Waldrigues Galindo compartilha sua experiência com a obra do escritor James Joyce, tanto como pesquisador, quanto como tradutor, ao afirmar que, nos últimos quinze anos, tem escrito as palavras de Joyce em suas palavras. A partir do relato sobre os desafios da tradução da obra *Ulysses* (1920), ao expor as tensões que a narrativa instaura na compreensão da literatura da época da sua publicação e na contemporaneidade, o autor reflete acerca dos processos de desleitura que saltam da obra em si.

Em “A aventura errática de um editor”, ao compartilhar sua experiência como editor de selos literários, Abílio Pacheco de Souza desvela os espaços subterrâneos em que se encontram muitas vezes esquecidos e invisibilizados os editores, tradutores e *ghost writers*. Segundo o professor pesquisador, “tradutor e *ghost writer*, muito embora tenham realizado um ótimo trabalho, sempre têm seus nomes secundados pelo nome do autor. (...) Não revelado, não conhecido ou não divulgado... dessa mesma forma ocorre com o editor” (SOUZA, 2020, p. 53). Ao denunciar que esse fenômeno afasta o trabalho desses profissionais de serem objetos de pesquisa, Souza acende um alerta para a importância dessas análises em processos de desleitura.

Na segunda seção, denominada “Tradução e tradutor nas práticas de escrita e leitura contemporâneas: língua, identidade e cultura no jogo do texto”, os ensaios, “Tradução poética e a modernização da poesia no Século XIX: o caso francês”, de Sandra M. Stroparo, “A tradução do obsceno na cena aristofânica”, de Ana Maria César Pompeu, e “(Re)leituras de Brasil nos relatos de viagem e nas narrativas de ficção em inglês dos anos 1930”, de Eliza Mitiyo Morinaka, movimentam os conceitos de “poética”, “obsceno” e “viagem” a partir de objetos distintos que encontram, na tradução, um campo produtivo para processos de desleitura.

A análise estabelecida pela professora e pesquisadora Sandra M. Stroparo, no ensaio “Tradução poética e a modernização da poesia no Século XIX: o caso francês”, traça uma cartografia das transformações da historiografia literária a partir de processos tradutórios, responsáveis, no cenário francês do século XIX, pela renovação de gêneros literários. Com efeito, a reflexão da autora ressalta que os aspectos formais da produção literária produzem inflexões na construção de novas estéticas para a criação poética e seus suportes.

Já no capítulo “A tradução do obsceno na cena aristofânica”, a professora Ana Maria César Pompeu utiliza sua experiência como tradutora de grego para explorar o conceito do “obsceno”, manifestado por meio do sexual e do escatológico nas comédias gregas de Aristófanes. A autora examina os meandros pelos quais “a tradução dos termos obscenos, muitas vezes disfarçados ou ignorados, é fundamental para a expressão do cômico aristofânico” (POMPEU, 2020, p. 92).

No terceiro ensaio dessa seção, “(Re)leituras de Brasil nos relatos de viagem e nas narrativas de ficção em inglês nos anos 1930”, Eliza Mitiyo Morinaka analisa leituras, desleitura, escritas e

reescritas do Brasil na década de 1930 a partir de críticas e resenhas britânicas e norte-americanas acerca de relatos de viagem produzidas em língua inglesa. Como resultado, a autora encontra uma estética ruralista e agrária estereotipada através dos registros sobre a fauna e a flora brasileira. Esse estudo inscreve o gesto da desleitura nos processos formativos do imaginário brasileiro construído em língua inglesa no período retratado.

A terceira e última seção, “Materialidades do texto na contemporaneidade: autores, leitores e textos”, é composta por quatro ensaios, voltados a pensar as relações estéticas e performáticas entre texto e suporte e propondo a desleitura de conceitos-chave para a contemporaneidade literária: “As materialidades do texto na contemporaneidade: Deslendo os conceitos de autor, leitor e obra”, de Roberto Henrique Seidel, “Leituras e desleitura em tempos de novas mediações: o texto literário e seus suportes”, de Ana Cláudia Viegas, “Desleitura: programa/performance”, de Nabil Araújo, e “Narradoras e narradores urbano-digitais: contextualizando o conceito”, de Mauren Pavão Przybylski e José Ricardo da Horta Vidal.

As quatro questões que norteiam o ensaio “As materialidades do texto na contemporaneidade: Deslendo os conceitos de autor, leitor e obra” – o que é desler?, o que é autor?, o que é obra? e o que é leitor? – provocam a desleitura dos tradicionais conceitos de autor, leitor e obra. Ao apontar para avanços tecnológicos que caracterizam a contemporaneidade, Roberto Henrique Seidel alerta para a preocupação que a docência na área de formação em Literatura e Linguística deve ter para com os fenômenos da escrita e da recepção.

Em “Leituras e desleitura em tempos de novas mediações: o texto literário e seus suportes”, Ana Cláudia Viegas questiona a centralidade do livro enquanto produto como único veículo de mediação entre produção e recepção do texto literário, pois fenômenos tecnológicos contemporâneos têm proporcionado um deslocamento dessa estrutura. Segundo a autora, esse movimento está longe de se ater às formas de consumo, tampouco se apresentam como potência das transformações sociais. Assim, mais uma vez, resta demonstrada a necessidade da análise dos fatores externos ao texto para os processos de desleitura.

Nabil Araújo, no ensaio “Desleitura: programa/performance”, responde à pergunta “o que é desler?”, através de um processo que define como próprio da desleitura. A partir de Barthes, Jarrett, Prigogine e Derrida, a análise resulta no que o autor chamou de tese-começo-programa da performance que cede lugar ao processo de desleitura. Logo, o autor salienta que a desleitura consiste em “atos de escrita, irreversíveis como tais (como atos que são), cujos ‘resultados’, rigorosamente inseparáveis de tais atos, permaneceriam igualmente irreversíveis” (ARAÚJO, 2020, p. 150).

No último capítulo, “Narradoras e narradores urbano-digitais: contextualizando o conceito”, Mauren Pavão Przybylski e José Ricardo da Hora Vidal apoiam-se em epistemologias decoloniais para estabelecer o conceito de “narrador oral urbano-digital”, surgido com o objetivo de dar a devida importância ao que é narrado, à sua cena histórica, à influência de sua personalidade na obra produzida” (PRZYBYLSKI & VIDAL, 2020, p. 160). O estudo destaca que o fenômeno narrativo está atualmente em constantes deslocamentos, principalmente no que se refere à oralidade e ao registro dessas narrativas. Assim, os autores alertam para a insuficiência técnica da tradição.

Os ensaios que compõem o livro possibilitam compreender a importância de se considerar novas abordagens para os sujeitos e as técnicas que compõem as cadeias de produção da literatura, além do tripé obra, escritor, leitor. Nesse sentido, restou comprovada a capacidade de os fenômenos da edição e da tradução impactarem em novos sentidos, tanto na literariedade do texto quanto nos modelos de produção, circulação e consumo de obras literárias nas mais variadas plataformas e mídias.

Além disso, à medida que se arrolam os processos de desleitura com diferentes objetos, as reflexões apresentadas pelos ensaios consolidam esse conceito enquanto posicionamento de enfrentamento capaz de cartografar a contemporaneidade da literatura em suas diversidades estéticas, performáticas e materiais. Ao mesmo tempo, o debate que entrecorta os ensaios da coletânea inscreve o externo e o técnico como dimensões imprescindíveis à teoria e à crítica literária da atualidade, posto que esses fatores estão igualmente intrínsecos ao texto literário, ao autor e ao leitor.

Recebido em 7/03/2022 // Aceito em 13/07/2023